

Tibetanos manifestam-se contra a China

14-Mar-2008

O centro de Lhasa esteve a ferro e fogo em Março, com as maiores manifestações anti-chinesas desde 1989, com lojas partidas, carros da polícia incendiados e mosteiros cercados pelos militares na capital do Tibete, onde centenas de pessoas participaram no protesto que marcou o 49º aniversário da partida do Dalai Lama para o exílio. Apesar da repressão policial, as manifestações de solidariedade com a causa tibetana mantiveram-se até aos Jogos Olímpicos de Pequim, mesmo a nível internacional, por ocasião da passagem da tocha olímpica.

O pretexto da vaga de manifestações desta semana é o aniversário dum levantamento esmagado pelas tropas chinesas, mas a aproximação dos Jogos Olímpicos de Pequim é a principal aposta do movimento de resistência tibetano para chamar a atenção do mundo para a situação no território. A polícia chinesa usou gás lacrimogénico para dispersar a manifestação promovida pelos monges e prendeu 60 manifestantes, segundo a Rádio Ásia Livre.

Do lado do regime chinês, as autoridades reafirmam a vontade de continuar a reprimir as actividades "separatistas" no seu território, sublinhando que nenhum país do mundo reconhece a independência do Tibete. O protesto estendeu-se à Índia, onde funciona o "governo tibetano no exílio". Uma centena de manifestantes queria dirigir-se à fronteira com a China a pé, mas foram detidos pela polícia antes de chegarem ao seu destino, optando por fazer uma greve da fome durante 24 horas em protesto contra a acção do governo indiano de impedir uma marcha não-violenta, "apoiada nos princípios de Gandhi que a Índia usou para conseguir a sua própria independência", lamentou Tzewang Rigzin, um dos organizadores da marcha interrompida.

Mas os cerca de 100 mil tibetanos na Índia não vão ficar por aqui. A comunidade prepara os Jogos Olímpicos tibetanos, a ter lugar em Dharamsala, e os marchantes prometem continuar o seu caminho logo que sejam libertados.

{easycomments}